

NOVEMBRO DE 2014

As sanções da UE são a primeira linha no combate ao revanchismo russo

PAULO GORJÃO

Instituto Português de Relações Internacionais e Segurança (IPRIS)

“A Rússia é parte do problema, mas é também parte da solução”, salientava a Alta Representante da União Europeia (UE) para a Política Externa e de Segurança,¹ na sequência de mais uma reunião do Conselho de Negócios Estrangeiros (CNE) da União. As “sanções (...) são uma ferramenta eficaz mas no âmbito de uma estratégia mais ampla”, acrescentou Federica Mogherini, procurando relativizar a sua importância. Neste CNE de 17 de Novembro, como noutros anteriores, as divisões europeias fizeram-se sentir—uma vez mais—na hora de responder política e diplomaticamente à renovada escalada da intervenção militar russa na Ucrânia.

Oito meses após a deposição do Presidente ucraniano Viktor Yanukovich, a subsequente anexação da Crimeia por Moscovo e a continuada presença militar russa na Ucrânia oriental, os 28 Estados-membros da União continuam muito longe de um consenso na forma como interpretam a gravidade do que tem vindo a ocorrer na Europa. Sem um consenso na interpretação, a resposta política transformou-se num pesadelo que tem permitido apenas um mínimo denominador comum. Será consensual afirmar que a Rússia é parte do problema, como referiu Mogherini, mas é seguramente muito mais controverso dizer que Moscovo—e Vladimir Putin em particular—fará parte da solução.

Ainda é cedo para perceber se, de facto, a intervenção militar russa na Ucrânia está a colocar a globalização em

risco, ou marca mesmo o seu fim.² No mesmo sentido, também será precipitado antecipar uma nova Guerra Fria,³ tal como fez recentemente Mikhail Gorbachev.⁴ Em todo o caso, é indiscutível que, como frisou o secretário-geral adjunto da NATO, Alexander Vershbow, a Rússia colocou uma “ameaça real ao sistema internacional aberto, baseado em regras, e no respeito pela soberania e integridade territorial de todos os Estados”.⁵ Ou seja, é incontornável que a anexação da Crimeia e a intervenção militar de Moscovo na Ucrânia oriental colocaram o maior desafio de que há memória no pós-Guerra Fria à ordem liberal.

Este desafio não é “um produto da ideologia e das circunstâncias”,⁶ tal como descritas no passado. A ameaça actual é o resultado de outras circunstâncias e em particular do revanchismo russo. Putin considera que o colapso da União Soviética foi “a maior catástrofe geopolítica do século [XX]”.⁷ Isto dito, o alargamento da NATO

2 Ver, entre outros, Tom Wright, “Why the Ukraine Crisis Puts Globalization at Risk” (*War on the Rocks*, 25 de Março de 2014); e, Mark Leonard, “Clashes with Russia point to globalization’s end” (*Reuters*, 30 de Julho de 2014).

3 Philip Stephens, “Gorbachev is wrong about a new cold war” (*Financial Times*, 14 de Novembro de 2014), p. 9.

4 Bettina Borgfeld, “Gorbachev says world is on brink of new Cold War” (*Reuters*, 8 de Novembro de 2014).

5 “Deputy Secretary General: Russia’s actions pose ‘real threat’ to rules-based international system” (*NATO*, 2 de Setembro de 2014).

6 George F. Kennan, “The Sources of Soviet Conduct” (*Foreign Affairs*, Vol. 25, No. 4, Julho de 1947), pp. 566-582.

7 “Putin: Soviet collapse a ‘genuine tragedy’” (*Associated Press*, 25 de Abril de 2005).

1 Adrian Croft e Robin Emmott, “EU targets Ukraine separatists but is split on more Russia sanctions” (*Reuters*, 17 de Novembro de 2014).



não explica o revanchismo de Putin, cujas raízes são mais profundas.⁸ Mais do que uma causa do potencial revanchismo russo, o alargamento da NATO foi—também, mas não só—uma tentativa de lhe responder e de o controlar.⁹ Ora, como que confirmando a bondade do diagnóstico, tem sido precisamente na periferia da NATO e em particular nas antigas repúblicas soviéticas—Geórgia, Moldávia e Ucrânia—que esse revanchismo tem tido espaço para se manifestar.

Naturalmente, perante o *fait accompli* russo, não há soluções imediatas, ou de curto prazo. Nesse sentido, Mogherini tem razão quando salienta que, para além das sanções, a UE tem de ser capaz de elaborar uma estratégia mais ampla. Tal exige, como refere Philip Stephens, paciência e determinação. Uma e outra são elementos fundamentais para se conseguir o objectivo central: capacidade de dissuasão.¹⁰ Na prática, o Ocidente tem de recuperar o velho conceito de dissuasão que, em nome da sua eficácia, tem de ser obrigatoriamente credível.¹¹ Assim, como não poderia deixar de ser, a NATO tem de assumir um papel liderante na reformulação dos mecanismos de dissuasão convencional na Europa.¹²

8 Ver Robert Kagan, *The Return of History and the End of Dreams* (Vintage, 2009), p. 14; ver igualmente Robin Niblett, "The West must not blame itself for Putin's revanchism" (CNN, 12 de Abril de 2014).

9 Ver Svein Melby, "NATO and U.S. Global Security Interests", in Andrew A. Michta e Paal Sigurd Hilde (eds.), *The Future of NATO: Regional Defense and Global Security* (The University of Michigan Press, 2014), p. 43.

10 Philip Stephens, "Gorbachev is wrong about a new cold war" (Financial Times, 14 de Novembro de 2014), p. 9.

11 Philip Stephens, "Europe needs a cold war lesson in deterrence" (Financial Times, 25 de Julho de 2014), p. 9.

12 Ver Henrik Ø. Breitenbauch, "NATO: Conventional Deterrence is the New Black" (War on the Rocks, 14 de Abril de 2014).

Como relembra Henry Kissinger, a ordem—mundial, internacional, ou regional—assenta em duas componentes: um conjunto de regras aceites pelas partes, que definem os limites toleráveis da acção, e um equilíbrio de poderes que impõe a contenção quando as regras são violadas.¹³ A Rússia representa uma ameaça nos dois planos. O seu "capitalismo autoritário" constitui uma alternativa e um desafio à ordem liberal, que aceita em regime *à la carte*, i.e. cumpre o que lhe agrada e rejeita o que lhe é inconveniente.¹⁴ Mas Putin é igualmente uma ameaça ao equilíbrio de poderes vigente e, por consequência, um grave factor de instabilidade na Europa. Não vale a pena alimentar grandes ilusões. Putin dificilmente fará parte de uma solução, sobretudo se não tiver motivo para respeitar politicamente os seus parceiros europeus. Nessa medida, as sanções são mais importantes do que, porventura, à primeira vista se poderá pensar. Mais do que o seu impacto económico, as sanções são importantes sobretudo pela mensagem política que transmitem. Esta é a linha da frente na recuperação da dissuasão.

13 Henry Kissinger, *World Order* (Allen Lane, 2014), p. 9.

14 A expressão foi utilizada por Michael Ignatieff, citado por Philip Stephens, "Europe needs a cold war lesson in deterrence" (Financial Times, 25 de Julho de 2014), p. 9.

EDITOR | Paulo Gorjão

EDITOR ASSISTENTE | Gustavo Plácido dos Santos

DESIGN | Atelier Teresa Cardoso Bastos

Instituto Português de Relações Internacionais e Segurança (IPRIS)

Rua da Junqueira, 188 - 1349-001 Lisboa

PORUTGAL

<http://www.ipris.org>

email: ipris@ipris.org

IPRIS Comentário é uma publicação do IPRIS.

As opiniões expressas são da exclusiva responsabilidade dos autores e não refletem necessariamente as opiniões do IPRIS.

Gold Sponsor



Silver Sponsor



Parceiros



Mecenas

